

Bullying no contexto escolar – sua origem e seus efeitos na vida dos alunos

Bullying in the school context - its origin and its effects on students' lives

Eduardo Jardim Koenigkam¹, Heloysa de Lemos Gonçalves², Suely Cristina de Souza Fernandes Crahim³

Resumo

Como citar esse artigo. KOENIGKAN, E. J.; GONÇALVES, H. L.; CRAHIM, S. C. S., F. *Bullying no contexto escolar – sua origem e seus efeitos na vida dos alunos. Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 13, n. 1, p. xx-xx, jan./abr. 2022.

O presente artigo tem como objetivo apresentar o *Bullying*, de sua origem até seus efeitos e impactos sociais, demonstrando as consequências dessa anomalia social que tem repercutido na vida de qualquer criança em sua fase escolar. Tal temática vai além dos processos pedagógicos, pois atinge degraus de natureza psicológica, pormenorizados pelos princípios da ciência do comportamento humano. As atitudes do ser humano se refletem constantemente nas diversas esferas da realidade cultural e social, provocando reações, muitas vezes estimuladas pelo meio ou seu histórico de vida. A psicologia em si, possui respostas capazes de promover ótimos resultados, dos quais já estão sendo praticados em muitas partes do mundo, pois o *Bullying* é um problema que se tornou mundialmente peculiar às instituições escolares, sendo impossível desvincular os eventos ocorridos nas escolas dos históricos de vida dos estudantes, pois o praticante do *Bullying*, o *bully*, tem em suas vítimas uma maneira de refletir suas mazelas e dores emocionais vividas em seu passado, ou dependendo da situação, identifica-se sérios problemas vividos pelo praticante em tempo real. Várias investigações promovidas por psicólogos junto aos profissionais da educação estão sendo realizadas com grande êxito, onde conseguem elencar futuras soluções para modificar o quadro de insegurança nos ambientes escolares. Uma sociedade vulnerável aos problemas socioeconômicos e culturais de uma determinada região, pode resultar em anomalias sérias e muitas vezes irreversíveis.

Palavras-chave: *Bullying*; Escola; Psicologia; Soluções.

Abstract

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

This article aims to present *Bullying*, from its origin to its effects and social impacts, demonstrating the consequences of this social anomaly that has had an impact on the life of any child in his school phase. Such a theme goes beyond the pedagogical processes, as it reaches steps of a psychological nature, detailed by the principles of the science of human behavior. The human being's attitudes are constantly reflected in the various spheres of cultural and social reality, provoking reactions, often stimulated by the environment or his life history. Psychology itself has responses capable of promoting great results, of which they are already being practiced in many parts of the world, because *Bullying* is a problem that has become worldwide peculiar to school institutions, making it impossible to untie the events that occurred in schools from the historical ones of life of the students, because the *Bullying* practitioner, *bully*, has in his victims a way of reflecting his illnesses and emotional pains lived in his past, or depending on the situation, serious problems experienced by the practitioner in real time are identified. Several investigations carried out by psychologists with education professionals are being carried out with great success, where they are able to list future solutions to modify the situation of insecurity in school environments. A society that is vulnerable to socio-economic and cultural problems in a given region, can result in serious and often irreversible anomalies.

Keywords: *Bullying*; School; Psychology; Solutions.

Afiliação dos autores

¹ Graduando de Psicologia da Universidade de Vassouras-RJ, Brasil.

² Graduando de Psicologia da Universidade de Vassouras-RJ, Brasil.

³ Docente da Universidade de Vassouras, Pedagoga, Psicopedagoga, Mestra em Educação Matemática pela Universidade Severino Sombra - USS, atualmente Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ, Brasil e Doutoranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo-RS, Brasil.

* Email de correspondência: eduardojardim99@gmail.com

Recebido em: 16/04/21. Aceito em: 14/05/21.

INTRODUÇÃO

Diante de tantas mudanças ao redor de todo o mundo é comprovado que a escola é um dos principais ambientes dos quais sofre grandes reflexos desse cenário mundial, independentemente de onde se localiza, classe social ou modalidades. A vida escolar tem encontrado dificuldades referentes ao convívio dos alunos em sala de aula. As anomalias sociais oriundas da ineficiência da qualidade das relações humanas estão gerando urgentes necessidades de atenção pelos pesquisadores e profissionais, que têm dispendido um olhar mais sensível aos assuntos ligados aos processos de desenvolvimento humano. A maioria dos professores e gestores das instituições escolares têm sido surpreendidos por estes eventos todos os dias, enfrentando dúvidas sobre como mudar esse panorama de tensão nos ambientes escolares, levando-os muitas vezes a se calarem em frente às situações.

A psicologia tem buscado caminhos para amenizar os efeitos do grande vilão desta era: O *Bullying*. Classificado como violência física e/ou psicológica, que vem aumentando no meio escolar provocando tragédias de conhecimento do mundo inteiro, sendo entendido como uma doença sócio-educacional. Mas, este conceito tem sido polemicamente discutido por diferentes frentes de discussão filosóficas, sociais, comportamentais, inclusive políticas.

O objetivo principal deste trabalho é conhecer o *Bullying* e como esta anomalia social afeta a vida de um aluno, cujo presente estudo será desenvolvido por meio de capítulos sobre: seu conceito; as consequências na vida escolar, na família e no convívio social; e ademais, quais resultados negativos essa anomalia tem gerado na vida pessoal do aluno. Como fator de soluções para esta temática, este trabalho será enriquecido com comentários, observações e abordagens importantes sobre como a psicologia pode intervir e contribuir na reconstrução de uma nova perspectiva de relacionamento entre os alunos, tendo como base a aplicação de estratégias e ferramentas capazes de promover resultados satisfatórios.

A metodologia proposta para ser utilizada neste estudo é a pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e científico, através da revisão literária em livros e artigos publicados em diretórios on-line de dados científicos relacionados aos pesquisadores competentes nos assuntos sobre o desenvolvimento humano, a psicologia e as anomalias da sociedade.

PANORAMA GERAL DO CONCEITO DE BULLYING

A capacidade de se relacionar de cada indivíduo pode ser medida pela maneira como se comporta diante de seus desafios diários. O mundo ao redor oferece diversos eventos que estimulam as pessoas a apresentar uma reação aos estímulos vivenciados. Na família, no trabalho, em meio a uma jogada de futebol; toda rotina está carregada de considerações ou ignorâncias aos fatos compartilhados ou não. Há séculos a humanidade passa por asseveradas mudanças, quer sejam políticas, econômicas, tecnológicas; mas a mudança que mais necessita de atenção é a mudança social (LAUDAN, 1993).

Atualmente, a humanidade tem vivenciado um turbilhão de novidades advindos do mundo inteiro. A globalização das comunicações estreitou as relações e de uma maneira mais objetiva, atingiu sem restrição todas as camadas sociais e os efeitos dos novos eventos têm gerado sérios problemas no comportamento das pessoas, nas diversas faixas etárias.

As instituições de ensino estão por concluir que estes desafios oriundos das mudanças globais devem ser objeto de constantes pesquisas e estudos, pois destes eventos, o *Bullying* se tornou o vilão das rotinas escolares desta época. Seu conceito tem como ponto central a agressividade e o descontrole sobre a reação humana. São atitudes desveladas sobre o seu igual, desconsiderando o respeito e a afetividade nas relações. Segundo Brandão e Matiazzi (2017, p. 17-33), “tais acontecimentos indicaram que a sociedade não estava preparada para enfrentar a violência com a característica do *Bullying*.”. Comportamentos como desobediência, resistências infantis ou pirraças, constituíam-se como reações ditas normais de um indivíduo em fase de amadurecimento; no entanto, muitos atos de *Bullying* nem são percebidos pelos

responsáveis, pois ocorrem fora de suas presenças; sendo constrangedor para a vítima comentar sobre a agressão sofrida, por sentir medo ou vergonha.

O cenário cotidiano onde o *Bullying* acontece com a presença de um autor e uma vítima pode ocorrer individualmente ou em grupos. São sempre caracterizados por agressões físicas/morais repetitivas, que deixam marcas para o resto da vida. Seu surgimento está vinculado ao ambiente escolar porque é nesta fase que o indivíduo tem seu primeiro contato com pessoas do ambiente extrafamiliar. O compartilhamento do mesmo espaço com pessoas que não fazem, a princípio, sentido e valor afetivo, traz dezenas de reações e sentimentos na criança. Segundo registros das primeiras ocorrências caracterizadas pela nomenclatura “*Bullying*”, encontra-se no fato de o professor e pesquisador norueguês Dan Olweus ter sido o primeiro a relacionar a palavra *Bullying* ao fenômeno ocorrido em 1982, onde três crianças se suicidaram no norte da Noruega. Elas tinham idade entre 10 e 14 anos e o motivo de tal acontecimento foram as constantes agressões sofridas por eles na escola⁴.

Esse fenômeno social vem dificultando os processos educacionais das instituições escolares, comprometendo suas rotinas. O primeiro agravante desta temática se dá ao fato de promover o isolamento das crianças, gerando uma abordagem contrária à missão de todo ambiente escolar que é desenvolver indivíduos capazes de interagirem entre si e viver em sociedade.

Para Doise (2002, v. 18 n. 1, p. 027-035), a relação da vida social com a psicologia humana, apenas funciona se existir uma “ancoragem entre a tomada de certas posições em outras realidades simbólicas coletivas, como as hierarquias de valores, as percepções que os indivíduos constroem das relações entre grupos e categorias com as experiências sociais que eles partilham com o outro.”. Fator importante para se observar.

O segundo agravante é identificar o perfil de quem pratica o *Bullying*. Saber distinguir entre uma simples brincadeira de colocar “apelidos” nos colegas e uma intencional maneira de constranger o outro com segundas intenções, vem sendo uma constante nas escolas. É necessário ter a impressão clara sobre as características comportamentais para não existir equívocos que possam causar desconforto no ambiente escolar.

O INDÍCIO AGRESSOR NA ESCOLA

O *Bullying* é um caso sério que sai muitas vezes do controle dos mestres e responsáveis, pois cabe a indagação se a criança sofre pressões familiares e por isso reproduz no ambiente escolar sendo o *Bullying* um produto de tudo isso. Em resposta, pode-se considerar o que Silva (2010, p.116) diz a esse respeito, que “a comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo”. A visão desta acertada réplica fortalece os conceitos psicológicos em si.

Diante do exposto, a capacidade de discernir tais comportamentos e ações destes alunos demandam treino e profissionalismo. Os casos de violências cometidos em todo o mundo se devem, primordialmente, a uma dada evidência de algum problema gerado em certo momento da vida de um indivíduo. São inúmeros os estudos realizados pelos especialistas em comportamento humano, comprovando que o *Bullying* é uma forma de violência escolar que com o passar do tempo se transforma em comportamentos e atitudes que ofendem os princípios morais e a integridade física da sociedade em geral.

Em análise, pode-se considerar que a escola herdou mais um grande papel diante deste cenário de repetidos casos de violência nas escolas. Embora o *Bullying* _ em seu contexto inofensivo _ seja um fenômeno comum nos ambientes escolares, sua ocorrência constante tem levado os profissionais da educação a despender tempo para tentar amenizar ou erradicar tais eventos. A escritora e médica psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva (2010, p. 14), apresenta em sua obra, “*Bullying: mentes perigosas nas escolas*”, um conteúdo expressivo sobre esse tema. A autora afirma que este fenômeno é “um problema de saúde pública e, por isso mesmo, deve entrar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente [...]” (SILVA, 2010, p. 14).

Partindo do pressuposto de que o *Bullying* é “um problema de saúde pública”, pode-se perceber a proporção do desequilíbrio social que esta anomalia tem causado no comportamento das crianças em toda sua fase escolar, seja infantil, adolescente, jovem ou adulta.

Esse tema tem sido difundido há anos pelas vias de comunicação, com o intuito de alertar ou protestar sobre a omissão das autoridades para a gravidade das consequências provenientes da ineficácia das iniciativas em combater esse problema. O contexto dos filmes são sempre os mesmos: ambientes escolares, crianças em fase pré-adolescente ou adolescente; pais, professores/responsáveis omissos ou impotentes diante dos acontecimentos; e o desfecho indesejado da vítima sendo incapaz de autogerir os efeitos afetivos e sentimentais causados pelo *Bullying*. Milhares de casos têm dizimado crianças e adolescentes em fase escolar por todo o mundo.

Para ilustração destas ocorrências, vale relatar que, no Brasil, a Associação Brasileira Multifuncional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABAPIA), tem se dedicado a estudar, pesquisar e divulgar o *Bullying* desde 2001. Nos anos de 2002 e 2003, a ABAPIA realizou uma pesquisa por meio de questionário com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de 11 escolas (nove instituições públicas e duas particulares) no Estado do Rio de Janeiro, constatando que:

- Dos 5.482 alunos participantes, 40,5%, 2.217 admitiram ter tido algum tipo de envolvimento direto na prática do *bullying*, seja como alvo (vítima) seja como (agressor).
- Houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) sobre o sexo feminino (40,5%) na participação ativa das condutas de *bullying*.
- Agressões ocorrem principalmente na própria sala de aula (60,2%), durante o recreio (16,1%) e no portão das escolas (15,9%).
- Em torno de 50% dos alvos (vítimas) admitem que não relataram o fato aos professores nem tampouco aos pais.” (SILVA, 2010, p.113).

E em publicações recentes, Mariana Tokarnia, repórter da Agência Brasil, em Brasília, apresentou sua pesquisa oriunda do terceiro volume do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015. Este programa é destinado ao bem-estar dos estudantes.

Segundo o último Pisa, de 2015, na avaliação aplicada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), onde participaram dessa edição 540 mil estudantes de 15 anos que, por amostragem, representam 29 milhões de alunos de 72 países. Dentre estes 35 são países-membros da OCDE e 37 economias parceiras, entre elas o Brasil. O relatório constata que:

No Brasil, 17,5% disseram sofrer alguma das formas de *Bullying* “algumas vezes por mês”; 7,8% disseram ser excluídos pelos colegas; 9,3%, ser alvo de piadas; 4,1%, serem ameaçados; 3,2%, empurrados e agredidos fisicamente. Outros 5,3% disseram que os colegas frequentemente pegam e destroem as coisas deles e 7,9% são alvo de rumores maldosos. (TOKARNIA, 2017, p. 2)

Diante do exposto, ao se desprezar os números, pode-se perceber que os dados se interpretam entre si, confirmando a gravidade da evolução de comportamentos e sentimentos negativos praticados pelos alunos.

É necessário reagir diante destes eventos para que exista condições de reconstruir uma sociedade mais humanamente capaz de considerar os valores positivos de uma sociedade.

A COOPERAÇÃO FAMILIAR NO COMBATE AO BULLYING

Existem aspectos que podem estabelecer uma ideia da frequência onde o *Bullying* tem se desenvolvido no Brasil para ser comparado com os dias de hoje, apresentando o papel dos pais e responsáveis no interesse em minimizar as incidências. As condições das relações familiares exercem papel primordial na

vida do aluno.

Há tempos que as instituições escolares têm levantado campanhas que incentivem uma maior parcela de participação dos pais na vida escolar de seus filhos, mas é notório que o comportamento da “vida moderna” não tem favorecido esses momentos. A busca pelo bem-estar pessoal e material tem se conflitado com as relações interpessoais, principalmente no que diz respeito à percepção dos vínculos familiares.

No mundo contemporâneo há uma busca imediata de se obter prazer, de se suportar cada vez menos a dor, incluindo a dor psíquica, o mal-estar e a frustração. O ato violento sempre ocorre em uma situação psicológica ou socialmente tensa, por conseguinte, pobreza, injustiça, exploração, desigualdade social, podem ser consideradas formas de violência. (FONSECA, 2012, p. 4)

As responsabilidades na construção dos valores sociais têm sido transferidas para os professores, e isso sobrecarrega o “currículo” durante as rotinas da aprendizagem.

A polêmica do *Bullying* tem sido discutida por estudiosos das diversas áreas acadêmicas, como a medicina, a utilidade pública, a pedagogia, entre outros. Todavia, os contextos contemporâneos de violência propõem a questão de que o *Bullying* é um fenômeno comportamental intimamente ligado às emoções de medo, angústia e raiva reprimida. Tais emoções, na maioria das vezes, advêm dos problemas familiares, comprometendo a própria parentela; que é considerada uma das principais responsáveis pelo comportamento violento dos alunos, embora sem aparentes evidências. A maioria das escolas pesquisadas não têm proposta para a redução da violência. (SILVA, 2004, p. 16).

Estudo realizado com 1075 alunos, do 1^a ao 9^o ano do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas de Pelotas (RS); encontrou uma prevalência de 17.6% de estudantes que sofreram *Bullying*. A maioria das agressões aconteceu no pátio da escola (55.1%). Quanto ao tipo de intimidação, 75.1% foram verbais, 62.4% físicas, 23.8% emocionais, 6.3% racistas e 1.1% sexuais. Dentre as vítimas, 47.1% revelaram já ter provocado *Bullying* na escola (MOURA, CRUZ & QUEVEDO, 2011).

Sendo assim, pais e professores precisam atuar em conjunto nestes contextos em prol de reverter as consequências negativas na vida dos alunos. As atitudes propensas à violência e refletidas na escola, expressam a nítida reação de mal-estar dos alunos pela insatisfação da solidão, decorrente de serem deixados sozinhos em casa para que os pais trabalhem, por exemplo. Outro sentimento que se desenvolve, decorrente da solidão é o desprezo. É fato que muitos alunos não têm tolerância para as reprovações e limites estabelecidos pela escola e professores devido a transferir o sentimento originado no seio da família, com quem ele convive boa parcela de sua vida: colegas de sala e professores, ou seja, o ambiente escolar. Fato confirmado pelo relatório da repórter Mariana Tokarnia, de 2017, da Agência Brasil, em Brasília, anteriormente mencionado, onde sua pesquisa constatou que grande parte dos estudantes tem a sensação de que são injustiçados pelos professores. Em média, nos países da OCDE, 35% dos alunos relataram que sentem, pelo menos algumas vezes por mês, que seus professores pedem menos deles que dos outros estudantes; 21% acham que seus professores os julgam menos inteligentes do que são; 10% relataram que os professores os ridicularizam na frente dos outros; e 9%, que seus professores chegaram a insultá-los na frente dos demais.

E, com isso, aumenta a importância dos professores nestes momentos, onde precisam oferecer apoio e maturidade para perceberem os sinais precoces de uma evidente manifestação de violência.

As anomalias sociais vivenciadas tanto no seio familiar quanto no ambiente escolar, ultrapassam as fronteiras da cultura e alcançam as demais esferas das relações humanas. A vida social experimentada inicialmente na escola pode refletir positiva ou negativamente nos outros aspectos de convívio do indivíduo, resultando em construção ou desconstrução dos conceitos e valores saudáveis na sociedade.

O BULLYING OFENDE OS DIREITOS CIVIS

Dentro da temática do *Bullying*, também existem implicações jurídicas, por vezes desconhecidas dos pais e mestres. A prática do *Bullying*, quando avança as fronteiras do respeito ao próximo ou ofende os princípios sociais e civis, acabam por serem passíveis de punições. Diante da análise dos profissionais do comportamento humano, o uso de punição para o combate ao *Bullying*, deixa dúvidas em sua eficácia. Geralmente, a intimidação para quem pratica o *Bullying* serve apenas de fomento para continuar e não para deixar de praticar. E, também há descrições fiéis dos tipos de *Bullying* que são considerados crime, confirmando assim, a extensão de sua seriedade que vai além do ambiente escolar.

As brincadeiras mal-intencionadas, o constrangimento, a violência física ou moral depois das aulas são evidências claras de que o autor do *Bullying* necessita de ser amparado por autoridades que também vão além dos limites educacionais.

Em síntese, grande parte dessas ações é considerada crime na legislação estatal:

Art. 3º- O “bullying” pode ser classificado, conforme as ações praticadas: a) verbal: insultos, xingamentos e apelidos pejorativos; b) moral: difamação, calúnia, disseminação de rumores; c) sexual: assédio, indução e/ou abuso; d) social: ignorar, isolar e excluir; e) psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear infernizar;

f) físico: socar, chutar, bater; g) material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem; h) virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social. (LEGISLAÇÃO ESTATAL, 2016)

Portanto, a inserção dos atos jurídicos que atuam em casos que vão além dos limites educacionais e que pontuam o acréscimo de circunstâncias que envolvem um grupo ou grupos de pessoas, legitimam o indivíduo como *buller*. Quando a ação configura apenas o envolvimento de pessoa para pessoa, isoladamente, não há a imagem do coletivo, e com isso foge da atuação jurídica.

Quando o sujeito que sofre a ação “reclama” por ter sido injuriado coletivamente, dentro e/ou fora do ambiente escolar, como em partidas de futebol, sessões de cinema, caminho para a escola, no recreio, deve ser considerado e levado às autoridades jurídicas, pois as ofensas morais desrespeitam os direitos humanos (MORAES, 2016).

O comportamento do *buller* pode ser identificado devido ao seu perfil traçado por estudiosos interessados em contribuir para erradicar ou minimizar as consequências na vida das vítimas. Ou, por outro lado, entender que quem pratica, de alguma forma também está sofrendo por ser refém de reações e sentimentos muitas vezes incontroláveis, devido a anomalias e patologias psíquicas originadas no seu histórico de vida.

O agressor ou *buller*, apresenta características que podem ser observadas como : a) Falta de empatia, onde geralmente, se percebe um grau de indiferença às reações do próximo, perdendo a preocupação com o outro, sem saber se colocar no lugar do outro; b) Necessidade de controle, que neste aspecto é uma forma de autoproteção, por isso precisam se manter no domínio, por medo de ser atingido; c) Desejo de poder e status, que para o *buller* é essencial ser o centro das atrações, indicando que pode e consegue interferir na vida do outro, para ser lembrado. Neste caso o fracasso é o ponto de fragilidade que gera agressividade, ciúmes; d) Exposição precoce à violência, onde o ato de ofensa física é percebido no histórico familiar como na vida da criança, o que resulta que essa criança tende a ignorar a gravidade de atingir o outro, e por último, e) a impulsividade, como semelhança e produto da violência, onde agem sem pensar (LOPES NETO, 2005).

Todos esses aspectos de comportamento podem ser considerados como normais se forem identificados em momentos isolados ou como reação, mas seu agravamento está na constância e no rigor

da intenção do *buller*, pois a vítima pode velar os acontecimentos, o que dificulta a investigação dos problemas entre as pessoas.

A INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA IDENTIFICA E PREVINE O *BULLYING*

As consequências do *Bullying* na vida escolar do aluno podem ser identificadas com mais facilidade do que na vida pessoal de um indivíduo. As equipes pedagógicas das instituições escolares estão a todo momento se empenhando em encontrar soluções para minimizar seus efeitos nas fases de aprendizagem dos educandos.

Essas ações são importantes, pois geram possibilidades de evitar que tais deficiências sejam obstáculos para a vida profissional ou familiar, mais tarde. Ademais, muitas análises podem constatar a eficácia dos programas desenvolvidos e como foram eficientes nestes aspectos. Mas, fora das rotinas de sala de aula, os desafios da vida aos quais a criança é exposta, revela a gravidade das consequências do *Bullying* na formação dos parâmetros comportamentais e psicológicos das vítimas.

Enquanto na aprendizagem o aluno apresenta queda na concentração, dispersão de pensamentos, falta de expectativas, desinteresse pelos estudos e evasão (PINGOELLO, 2009, p.6); na vida pessoal esse mesmo aluno se depara com dificuldades nas suas capacidades cognitivas, o que em muitos casos pode não ter sido produto do *Bullying*, mas após investigações realizadas por especialistas, chega-se à conclusão que as constantes abordagens maldosas de seus colegas de sala de aula, geraram nele a timidez e o medo de enfrentar o novo.

Muitos casos de isolamento, quer sejam em casa ou no grupo da escola, na fase da adolescência, são sintomas de quem tem sido vítima de algum *buller*. Embora o comportamento de se isolar em casa, ficando em quarto escuro, possa ser por algum motivo de uma inusitada depressão de “amor não correspondido”; nestes casos, a constância deve ser investigada.

Cada vez que um evento vexatório, por exemplo, acontece com o mesmo indivíduo, o sistema psíquico tende a se retroalimentar e causar danos significativos na emoção da vítima gerando desequilíbrio, bloqueio e, por conseguinte, agressividade. (FANTE, 2005, p. 21).

A desconcentração em uma tarefa na fase escolar, pode ser um aspecto que será motivo de fracasso nas tarefas profissionais, pois a desmotivação na vida profissional possui relação com fatores extrínsecos e emocionais. Os relatos de vítimas oscilam entre as impressões de mal-estar nas relações e o *Bullying* propriamente dito. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 205-228).

Do ponto de vista dos adolescentes, pode-se perceber que em seus comentários existe um despreparo para entender e se defender em situações de vítima, na maioria dos eventos, como ilustra a fala abaixo de uma aluna da escola participante do Projeto realizado na Universidade Federal Fluminense entre 2010 e 2012, coordenado pelas Professoras Luciana Gageiro Coutinho e Marília Etienne Arreguy:

“Os meninos quando se encontram batem nas costas do outro, se xingam, mas quando estão longe falam que o amigo é um parceirão. As meninas fazem o contrário, se encontram e se mostram muito amigas, falam que estão com saudades, elogiam, se beijam, mas quando estão longe chamam a menina de feia, ridícula”. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 210)

Outro comentário muito peculiar de um aluno sobre um sumiço de seu celular no horário do recreio: “...essa atitude de pegar o telefone é normal, não é legal, mas sempre acontece. Se não tivesse celular ou mp3 a escola seria pior do que já é...”. (COUTINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 223)

O seu grau de insatisfação diz respeito ao mal-estar em relação a outros na sala de aula e o fato de ter uma distração, camufla suas insatisfações.

As inocentes “briguinhas de criança” tomaram uma proporção inesperada. As queixas são sempre as mesmas: puxões de cabelo, empurrões, boatos humilhantes, ameaças, inclusive, virtuais, sendo também denominado *cyberbullying* (divulgação de imagens e captura nas redes sociais), entre outras.

Somado a essas manifestações de violência, o aluno também pode adoecer com mais frequência por ficar com baixa imunidade. Existem casos contados de alunos que ficam sem lanchar na escola porque tiveram seu lanche roubado, e por isso ficam com fome. No pior dos casos, a vítima chega a ter pensamentos suicidas, devido ao extremo medo ou vexame⁵.

Para a reconstrução de uma nova perspectiva de relacionamento entre os alunos, pressupõe-se a necessidade de um trabalho subjetivo e pontual, que trate os problemas oriundos do *Bullying* de forma cuidadosa e contínua. Sendo considerada como um problema crônico, faz-se necessário a aplicação de estratégias e ferramentas capazes de promover resultados satisfatórios para reverter o quadro de prejuízos que o *Bullying* tem causado na vida dos alunos.

O prisma de atuação da psicologia no combate ao *Bullying* deve ser além da função investigativa (CANGUILHEM, 1973, p. 104-123). É preciso oferecer entendimento e interpretação das atitudes governadas pelos processos psíquicos de um *buller*. Ou seja, é necessária uma psicologia mais prática e atuante capaz de intervir objetivamente nos contextos escolares.

O conceito de psicologia tem sofrido variações com o decorrer do tempo:

There is no way to define the subject matter of psychology so that the definition will please all psychologists. Any definition turns out either too exclusive to be useful or too general to be meaningful. Yet some approximate may be sketched in. (MARX; HILLIX, 1963, p. 31)⁶

No entanto, de acordo com a temática deste artigo, a psicologia que pode ser eficaz no combate aos eventos e tentar minimizar os estragos no histórico de vida dos alunos é a sua função interativa, onde tem o comportamento como elemento de análise, bem como suas reações, relações e efeitos com tudo ao seu redor.

Segundo Todorov (2007, p. 057-061.), a Psicologia evoluiu até o presente com áreas mais ou menos independentes especializadas em interações, principalmente envolvendo o meio ambiente externo, como a psicofísica ou com ênfase exclusiva no meio ambiente interno, no tocante às abordagens psicodinâmicas da personalidade.

Na esfera da aprendizagem, a psicologia contribui oferecendo subsídios sólidos que possibilitam aos professores e pais participarem dos processos de desenvolvimento dos projetos e movimentos em prol do combate ao *Bullying*, embora a subjetividade social e aprendizagem escolar sejam assuntos, por vezes, complexos para alguns profissionais.

A sensibilidade a respeito dos problemas que envolvem o comportamento infantil ou do adolescente, revela que a aprendizagem é um processo subjetivo no qual o individual e o sociorrelacional estão implicados. Na aprendizagem escolar, sentidos subjetivos são gerados, e é por meio deles que a história de vida de cada aprendiz se integra ao contexto diferenciado vivido por eles nas salas de aula e na escola. (MARTINÉZ, 2017, p. 334).

Segundo Vigotyski (1996, p. 284), o ser humano possui a capacidade de construir culturas e reforça que através da constituição do seu psiquismo, suas emoções interferem na aprendizagem e confere à psicologia a ciência capaz de sondar a plasticidade dos sentimentos dos alunos na tarefa de dar significado à aprendizagem.

(...) toda a psique responde às características de um instrumento que seleciona, isola traços dos fenômenos. Um olho que tudo visse, precisamente por isto nada veria; uma consciência que se dessem conta de tudo, não se daria conta de nada; se a introspecção tivesse consciência de tudo, não teria consciência de nada. Nossa consciência encontra-se encerrada entre dois limiares, vemos apenas um fragmento do mundo; nossos sentidos nos apresentam um mundo compendiado em extratos que são importantes para nós.”. (VYGOTSKI, 1996, p. 284)

A inserção da psicologia e da aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, compreendem as idades mais críticas, pois são períodos que o indivíduo está em formação de suas faculdades sensório-motoras mais importantes. É nesta fase que a psicologia pode se valer desta capacidade de significação e promover atividades que gerem ressignificações pontuais no entendimento sobre o comportamento peculiar da forma de violência escolar.

E, para que o enfrentamento desta temática obtenha sucesso é necessário compreender o ser humano em diferentes contextos de sua realidade. Suas características individuais, personalidade, temperamento, contextos familiares e as escolas que frequentam são elementos que influenciam no comportamento dos alunos. Mesmo em idade infantil ou na juventude, o *Bullying* revela nas atitudes e ações de autores e vítimas, suas características diante de cada tipo de evento. (FREIRE; AIRES, 2012, p. 55-60).

A partir da compreensão do contexto dos eventos nos quais os alunos estão inseridos, cabe aos profissionais (psicólogos, pedagogos e professores) caracterizar o problema, dar sugestões para identificação das vítimas e dos agressores e traçar estratégias de prevenção (CHALITA, 2007, p. 88). Este modelo de planejamento é baseado no livro *Bullying at school: what we know and what we can do* (*Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer*), de Dan Olweus (1993, p. 377), quando teve sua primeira experiência com esta temática.

Existem inúmeras sugestões de ações e atividades que podem auxiliar no enfrentamento e combate ao *Bullying* nas escolas, porém, é na personalização dos programas que está o sucesso. As realidades escolares vão ditar os passos que devem tomar. Situações extraordinárias requerem ações extraordinárias.

Os instrumentos mais praticados pelos psicólogos são os testes. Embora sua existência não seja recente na história da Psicologia, estes instrumentos ainda são considerados devido a sua objetividade, praticidade e eficácia. O teor de seu conteúdo precisa estar alinhado ao objetivo do programa para obter dados e informações emergentes que possam contribuir para desenvolvimento das etapas subsequentes dos programas. Existem ainda instrumentos que podem ser combinados aos testes, de forma híbrida, para confirmar os dados já colhidos. Dentre estes, estão os testes Rorschach, Desenho da Figura Humana, Wartegg, Bender Infantil, Escala de Inteligência Weschsler Crianças (WISC), Teste de Apercepção Temática – TAT, Teste de Inteligência Não-Verbal G36, Teste de Apercepção Infantil – CAT-A, Bateria CEPA e Teste de Apercepção Infantil CAT-H. Alguns permitem realizar a avaliação da personalidade dos sujeitos. (NORONHA, ALCHIERI, 2005m v. 18, n. 3, p. 390-401).

A partir de suas aplicações, todas as informações colhidas visam obter subsídios para saber como conduzir os programas através da melhor escolha de instrumentos e estratégias da psicologia que favoreçam a intervenção dos problemas oriundos da personalidade do indivíduo.

Os programas de combate ao *Bullying* devem agregar valor ao bom andamento das rotinas escolares. Mesmo assim, a psicóloga Ciomara Shneider⁷, também psicanalista de crianças e adolescentes, defende que pais e escola devem estar atentos ao comportamento dos jovens e manter sempre abertos os canais de comunicação com eles. Para a profissional, “o diálogo continua a ser a melhor arma contra esse tipo de violência, que pode causar efeitos devastadores em crianças e adolescentes”. Uma das características mais preocupantes é o perfil dos alunos retraídos, pois seu silêncio retrata o nível mais alto do medo. Ela explica ainda que os mais comuns casos de *Bullying* começam muito mais silenciosos e, por isso, são

⁵Comentário de artigo disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/bullying-na-escola/>. Acesso em 15 dez. 2020.

⁶“Não há como definir o assunto da psicologia de forma que a definição agrade a todos os psicólogos. Qualquer definição acaba sendo muito exclusiva para ser útil ou muito geral para ser significativa. No entanto, alguns conceitos aproximados podem ser esboçados em si mesmos” (tradução nossa).

⁷Ciomara Shneider, psicóloga, participante do Programa coordenado pelo Instituto Noa – O Instituto Noa tem por finalidade democratizar o acesso à informação e ao conhecimento nas áreas de saúde, meio ambiente, cultura, educação e cidadania. Disponível em: <https://institutonoa.org.br> – eusou@escoladobem.com.br. Acesso em: 14 abr. 2021.

mais graves. Quem sofre a agressão não conta nem na escola nem na família, mas tende a demonstrar comportamentos diferentes. A análise dos psicólogos em casos como este é muito importante, pois pode passar despercebido devido a timidez e ao silêncio do aluno.

A eficácia dos programas de intervenção promovidos pela psicologia pode ser notada na mudança de comportamento dos alunos e pela divulgação dos *cases* de sucesso nas redes de comunicação. Essa iniciativa promove motivação e esperança para outras instituições e consolida a importância da psicologia junto ao combate ao *Bullying*. É o caso do projeto *antibullying* que foi praticado na Finlândia, e divulgado no site da BBC News, (PLIT, 2017). O programa compreendeu na utilização do método batizado de KiVa (acrônimo de Kiusaamista Vastaa, que quer dizer “contra o *Bullying*”, em finlandês). Trata-se da incorporação das “testemunhas” junto aos responsáveis e vítimas do *Bullying* num contexto simulado de eventos, ocorridos em um determinado ambiente, mais precisamente, o escolar. A equipe de psicopedagogia, responsável pelo KiVa no Colégio Santa Maria de Salta, um dos pioneiros no uso do método na Argentina, descreve que o projeto trata de considerar o silêncio das pessoas em situação de vítima, para que as testemunhas opinem em como os ofendidos podem se defender ou pedir ajuda.

A real intenção do programa é expor o agressor de forma sutil, levando-o à reflexão. Em todos os casos o resultado foi a mudança de comportamento do *buller*, que decide parar de agir dessa maneira em relação às vítimas. E, por outro lado, o programa visa prevenir os alunos sobre os eventos, e na oportunidade, criar boas relações entre os participantes.

A participação da família também é fundamental para o programa, pois colaboram mutuamente para o combate do *Bullying* em todos os ambientes. Segundo a professora da instituição, o projeto consiste em ser mais que um programa *antibullying*. É uma filosofia de vida que visa o bem-estar escolar e a criação de um clima de trabalho onde os alunos possam ter tolerância e respeito. Esse programa está sendo adaptado para ser praticado na América Latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor das práticas pedagógicas passa a ter mais efeito quando a psicologia colabora por meio de suas técnicas, ferramentas e programas personalizados para cada situação das quais as instituições escolares vivenciam no combate ao *Bullying*. Os passos a serem tomados dependem de profundos e significativos acompanhamentos realizados de forma direta e indireta na vida de um aluno. São palestras, conversas, análises, observações específicas que compõem uma gama possibilidades de gerar inserções na vida dos chamados *bullers*. Embora seja uma temática delicada de se tratar diante dos núcleos familiares, os profissionais da psicologia têm papel confortante nesta tarefa de desenvolver caminhos que alcancem a vida das vítimas, pois são as principais fontes de informação sobre as atitudes dos ofensores. Diversos graus de complicações são identificados nos casos que ocorrem nas escolas. Não só nas salas de aula, mas nos pátios e nos horários da saída são os momentos de maior incidência. O fato das vítimas omitirem as ocorrências dificultam o trabalho, mas as abordagens apresentam uma repetição no padrão já conhecido pelos profissionais. Carência, injustiça, indiferença, rejeição, entre outros, retratam uma linguagem emocional carregada de dores e sofrimentos. E estes aspectos necessitam ser identificados o quanto antes para que não se permitam os casos de *Bullying* entre os alunos. O desconhecimento dos valores morais, entre família, também promove atitudes desagradáveis, gerando desrespeito, ofensas, entre outros. A ciência do comportamento humano trata esse fenômeno com muita seriedade, por isso a importância de reforçar essa temática através deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Elias Canuto; MATIAZI, Loide Delbem. Bullying: Violência sócio-educacional – desafio permanente. **Pedagogia em Ação**, v. 9, n. 1, p. 17-33, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/14120>. Acesso em 20 mai. 2021.
- BRASIL, **Projeto de lei n.º 9.674**, de 2018. Institui a Semana Nacional de Conscientização, Prevenção e Combate a Intimidação Sistemática (Bullying) nas escolas públicas e privadas. Disponível em: . Acesso em:14 abr. 2021.
- BULLYING na escola: um problema crônico. **Escola da Inteligência**, 2020. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/bullying-na-escola/>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- CANGUILHEM, Georges. O que é a psicologia. **Tempo Brasileiro**, v. 30, n. 31, p. 104-123, 1973.
- CHALITA, G. **Pedagogia da amizade: Bullying - o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Vozes, 2007.
- COMBATE ao Bullying: pais e escolas devem agir juntos! - **Escolas do bem**- Paraná, PR, 2017. Disponível em: <https://escolasdobem.com.br/bullying/#:~:text=Para%20ela%2C%20o%20di%3%A1logo%20continua,atos%20de%20humilha%C3%A7%C3%A3o%20ou%20discrimina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- COUTINHO, Luciana Gageiro; OLIVEIRA, Bruna Osório. Conversações com adolescentes na escola: Bullying ou mal-estar nas relações? **Educação em Foco**, p. 205-228, 2015. Disponível em: . Acesso em 14 abr. 2021.
- DOISE, Willem. Da psicologia social à psicologia societal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 18, n. 1, pág. 027-035, abril de 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 outubro 2020. Ok
- ESPECIALISTAS indicam formas de combate a atos de intimidação. **Portal do MEC**, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>. Acesso em: 24 out. 2020.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência na escola e educar para a paz**. 2. ed. Campinas. São Paulo. Verus Editora, 2005.
- FONSECA, María Helena *et al.* **Bullying: Forma de violência e exclusão escolar**. *Motricidade*, v. 8, n. 2, p. 797-802, 2012. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/8c80cx5>. Acesso em 26 out. 2020.
- FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 55-60, June 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572012000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 out. 2020.
- LAUDAN, Larry et al. Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica. **Estudos Avançados [online]**. 1993, v. 7, n. 19 Epub 05 Dez 2005, pp. 7-89. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141993000300002>. Acesso em 4 Jan. 2022.
- LOPES NETO, Aramis A Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria [online]**. 2005, v. 81, n. 5 suppl, pp. s164-s172, Epub 17 Feb 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>. Acesso: 4 Jan. 2022.
- MARTINÉZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando González. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**. Cortez Editora, 2017.
- MARX, M. H.; HILLIX, W. A. **Systems and theories in psychology**. New York: McGraw-Hill, 1963.
- MORAES, Alexandre de. **Direito constitucional**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- MOURA, D. R., Nova Cruz, A.C.; QUEVEDO, L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**, n. 87, v. 1, p. 19-23, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/w76ybRKXK7TZw7GQ3vrwzxy/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2020.
- NORONHA, Ana Paula Porto; PRIMI, Ricardo; ALCHIERI, João Carlos. Instrumentos de avaliação mais conhecidos/ utilizados por psicólogos e estudantes de psicologia. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 390-401, Dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 outubro 2020.
- OLWEUS, D. **Bullying na escola: O que sabemos e o que podemos fazer**. Londres, Lackwell, 1993.
- PINGOELO, I. Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula. 2009. 142 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1989.

Disponível em: www.repositorio.unesp.br. Acesso em: 19 dez. 2020.

PLITT, Laura. **Tática antibullying**. BBC News, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39930242>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Globo Livros, 2010.

SILVA, M. N. Escola e comunidade juntas contra a violência escolar: diagnóstico e esboço de plano de intervenção. 182 f. 2004. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/821>. Acesso em: 10 janeiro 2021.

TODOROV, João Claudio. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 23 n. especial, p. 057-061, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/k8kWzyTf6VsYM49FhM5c4v/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 dez. 2020.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada dez estudantes no Brasil é vítima de Bullying**. Agência Brasil, 2017. Disponível em: <https://abre.ai/bU3l>. Acesso em: 15 dezembro 2020.

VIGOTSKI, L.S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

